

Arte em construção

Ao realizar seu terceiro Panorama, dedicado à escultura e ao objeto, o Museu de Arte Moderna de São Paulo encontra-se diante de um impasse, uma vez que as categorias convencionais foram esgotadas. Seria o momento de, num ato de audácia, desfraldar o levantamento da arte conceitual, povera, etc. Ou estimular uma pesquisa da arte popular em todas as regiões do país. Outro caminho seria o de proceder à revisão de fases, tendências, escolas, etc. Seria muito proveitoso um panorama da arte abstrata (informal e geométrica), do concretismo, do surrealismo, da arte primitiva, da arte cinética, da nova figuração. Enfim, as aberturas são várias e só resta ao MAM a providência de recolher sugestões, de ouvir muitas vozes, somá-las e chegar a uma conclusão útil e fecunda para os artistas e para o público.

Nesta semana que estivemos em São Paulo, como membro de júri de premiação do Panorama de Escultura e Objeto do Museu de Arte Moderna de São Paulo, pudemos constatar a proliferação de galerias de alto nível, inaugurando-se na capital paulista. A nova A Galeria, iluminando seus amplos espaços com uma individual de Manabu Mabe (tapeçaria e óleo); a filial da Galeria Ipanema, com uma coletiva eclética; a Urano, de Otávio Pereira, dedicada exclusivamente às artes gráficas; a Múltipla, de Franco Terranova, com uma individual de Krajcberg; a Collectio, com a exposição mais

importante de todas, de obras recentes de Sérgio Camargo. Chega a ser ostensivo o luxo destas galerias, que ficam a pedir um trabalho de gigante a seus mentores. São espaços arquitetonicamente programados com o maior cuidado, para servirem de vitrina à melhor mercadoria. O perigo é de que a vitrina supere, em beleza e vitalidade, o produto que oferece. Isto, em muitos casos, está acontecendo nesta Renascença faustosa do mercado de arte em São Paulo.

Fora das vitrinas citadas, foi salutar o encontro com Aldo Bonadei, cuja obra é das mais importantes da arte brasileira de hoje; verificar a corrida espantosa e desenfreada em torno da obra de Volpi, e ouvir de sua voz pausada e sorridente no telefone "eu não fabrico quadros"; verificar *in loco* a competência e tato administrativo de Diná Coelho frente ao Museu de Arte Moderna de São Paulo, num misto de programadora, conselheira dos artistas, anfitriã e fiel da balança; finalmente encontrar Aldemir Martins, de macacão como um bom operário, feliz e ativo em seu *atelier*, preparando o envio de obras para uma coletiva em Tóquio, com Manabu Mabe e Marcelo Grassmann. Enquanto o Rio de Janeiro continua lindo, e de uma certa forma se distrai no berço esplêndido de sua natureza hipnótica, São Paulo se concentra e constrói, num ritmo realmente invejável.

WALMIR AYALA



CABRA, DE
ALDEMIR
MARTINS:
COLETIVA EM
TÓQUIO